

Cesário Verde

e a cidade do

Século XIX

Deambulações do Poeta Cesário Verde pela cidade de Lisboa. Uma análise espaço-literária.

		Deambulações espaço-temporais na cidade do Século XIX – A Geografia do percurso	Deambular em Português, com Cesário Verde
	O Sentimento dum Ocidental I Avé - Maria	18.00 horas	O subtítulo foi acrescentado pelo editor, Silva Pinto, no séc. XIX (cf. Paula Morão).
1	Nas nossas ruas, ao anoitecer, Há tal soturnidade, há tal melancolia, Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.	<i>Cesário desloca-se em direção ao rio, vem por ruas estreitas e tortuosas, onde já se sente a humidade, proveniente da evaporação da massa de água do rio – a maresia que forma uma neblina, devido ao efeito de estufa provocado, pela mistura do fumo das chaminés com a humidade,</i>	<i>A evocação é feita com base em sensações: a visão - «as sombras» e «o Tejo»;; a audição: «o bulício» da cidade; o olfato: «a maresia»; A observação provoca o mal-estar no sujeito: «Despertam-me um desejo de sofrer.»</i>
2	O céu parece baixo e de neblina, O gás extravasado enjoa-me, perturba; E os edifícios, com as chaminés, e a turba Toldam-se numa cor monótona e londrina.	<i>«smoke+fog» («smog», característica da cidade industrial do século XIX, e cuja referência máxima é Londres)</i>	<i>O ambiente perturba o sujeito poético – aspeto subjetivo. Ao observar o espaço, o poeta sente-se mal.</i>
3	Batem carros de aluguer, ao fundo, Levando à via-férrea os que se vão. Felizes! Ocorrem-me em revista, exposições, países: Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!	<i>Passa, pela Estação de Santa Apolónia (1865), cujo caminho-de-ferro faz ligação às mais importantes cidades da Europa. O mundo!. (o “centro” do mundo ainda é a Europa). As exposições internacionais, exemplo da exaltação da técnica e do</i>	<i>Observa-se a oposição entre os que partem para a Europa: «Felizes!» e os que ficam em Portugal, pobres, a sofrer. A enumeração dos nomes das cidades é inovadora em poesia: prenuncia o modernismo.</i>

		<i>desenvolvimento científico e tecnológico.</i>	
4	<p>Semelham-se a gaiolas, com viveiros, As edificações somente em madeira:</p> <p>Como morcegos, ao cair das badaladas, Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros</p>	<p><i>Referência às diferentes profissões operárias, classe baixa, que habita perto do local de trabalho na área do porto e na construção de navios e à planta irregular e não planeada das ruas.</i></p>	<p><i>O coletivo é marcado pelas profissões que marcam o novo épico oitocentista: os explorados, num tom crítico.</i></p>
5	<p>Voltam os calafates, aos magotes, De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos; Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos, Ou erro pelos cais a que se atacam botes.</p>	<p><i>A planta é mesmo labiríntica, herdada da cidade muçulmana. O Poeta está a deambular por Alfama, junto ao porto (cais).</i></p>	<p><i>A deambulação do sujeito poético é marcada por verbos como «embrenho-me» ou «erro» perto do rio: de novo se evoca o épico, através das profissões.</i></p>
6	<p>E evoco, então, as crónicas navais: Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado! Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado! Singram soberbas naus que eu não verei jamais!</p>	<p><i>Evocação histórica dos povos que passaram na cidade, os Mouros, antes da conquista de Lisboa, esta era a cidade Moura – Alfama, até à época gloriosa da Expansão...até ao naufrágio de Camões.</i></p>	<p><i>Veem-se as marcas do «épico de outrora»: Camões e um passado glorioso, perdidos no presente que é época de sofrimento para o poeta e os explorados.</i></p>
7	<p>E o fim da tarde inspira-me; e incomoda! De um couraçado inglês vogam os escaleres; E em terra num tinir de louças e talheres Flamejam, ao jantar alguns hotéis da moda.</p>	<p><i>Referência à subjugação de Portugal aos ingleses, que saem dos barcos de guerra “couraçados” e se banqueteiam em terra.</i></p>	<p><i>Novo contraste entre os ricos «dos hotéis da moda» e do «couraçado inglês» face aos barcos pequenos portugueses.</i></p>

		<i>Deambulações espaço-temporais na cidade do Século XIX – A Geografia do percurso</i>	Deambular em Português, com Cesário Verde
8	<p>Num trem de praça arengam dois dentistas; Um trôpego arlequim braceja numas andas; Os querubins do lar flutuam nas varandas; Às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!</p>	<p><i>As principais funções centrais da cidade estão presentes, os transportes (trem), os serviços (dentista), o entretenimento (arlequim), a habitação (querubins do lar) lojistas (comércio).</i></p>	
9	<p>Vazam-se os arsenais e as oficinas; Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras; E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras, Correndo com firmeza, assomam as varinas.</p>	<p><i>Segue-se a função industrial, arsenais (oficinas de construção e reparação de barcos) e até as funções dispersas – as varinas que vendem o peixe porta-a-porta, as operárias trabalhadoras – obreiras,</i></p>	<p><i>O coletivo das varinas é descrito como «cardume».</i></p>
10	<p>Vêm sacudindo as ancas opulentas! Seus troncos varonis recordam-me pilastras; E algumas, à cabeça, embalam nas canastras</p>	<p><i>e as atividades ligadas à pesca e ao transporte de mercadorias em modo aquático (os filhos...). Vai deambulando entre o Cais o caminho até ao Aljube</i></p>	<p><i>As varinas têm filhos destinados a serem explorados: «naufragam nas tormentas» - novo épico subvertido.</i></p>

	Os filhos que depois naufragam nas tormentas.		
11	Descalças! Nas descargas de carvão, Desde manhã à noite, a bordo das fragatas; E apinham-se num bairro aonde miam gatas, E o peixe podre gera os focos de infeção!	<i>Referência à principal matéria-prima, fonte de energia - O carvão – alimenta a máquina a vapor, a força motriz da indústria, é utilizado nas habitações (aquecimento e preparação de refeições). Vem nas fragatas, pois Portugal não tem minas de carvão, tem de importar. A falta de salubridade da cidade – problemas de saúde e ambientais</i>	<i>Nova crítica social, com tom naturalista: «o peixe podre gera focos de infeção» - além disso, os pobres vivem em condições desumanas: «apinham-se num bairro».</i>

	II Noite Fechada		Subtítulo atribuído, pelo editor.
12	Toca-se às grades, nas cadeias. Som Que mortifica e deixa umas loucuras mansas! O Aljube, em que hoje estão velhinhas e crianças, Bem raramente encerra uma mulher de <<dom>>!	<i>A deambulação leva-o ao Aljube, prisão de mulheres no século XIX, mais tarde calabouço da PIDE, onde eram detidos os presos políticos, está finalmente a reabrir como museu da Resistência.</i>	
13	E eu desconfio, até, de um aneurisma Tão mórbido me sinto, ao acender das luzes; À vista das prisões, da velha Sé, das Cruzes, Chora-me o coração que se enche e que se abisma.	<i>Avista a Sé quando se acendem as luzes, referência à iluminação pública a Gás e também nas habitações e comércio, da área da Baixa. (Passando, antes, muito provavelmente, pela Rua da Padaria, onde nasceu).</i>	<i>Novamente o lado subjetivo do poema: observa-se o sofrimento do poeta, marcado por « mórbido» e «o aneurisma».</i>
14	A espaços, iluminam-se os andares, E as tascas, os cafés, as tendas, os estancos Alastram em lençol os seus reflexos brancos; E a Lua lembra o circo e os jogos malabares.		<i>Jogos impressionistas de luzes e cores.</i>

		<i>Deambulações espaço-temporais na cidade do Século XIX – A Geografia do percurso</i>	Deambular em Português, com Cesário Verde
15	Duas igrejas, num saudoso largo, Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero: Nelas esfumo um ermo inquisidor severo, Assim que pela História eu me aventuro e alargo.	<i>Há uma espécie de hiato espacial entre o Aljube e a toda a subida para o Largo do Chiado, onde frente a frente estão as Igrejas do Loreto e a Igreja da Encarnação. Do Largo pode observar os edifícios da Baixa Pombalina,</i>	O poeta evoca, traumatizado, o passado da Inquisição, com condenações e mortes. Crítica ao excesso de religiosidade da cidade de

16	<p>Na parte que abateu no terremoto, Muram-me as construções retas, iguais, crescidas; Afrontam-me, no resto, as íngremes subidas, E os sinos dum tanger monástico e devoto.</p>	<p><i>reconstruída após o Terramoto de 1755, todos da mesma altura e iguais – referência à simetria da arquitetura do Barroco (Séc. XVIII) e à planta ortogonal da morfologia urbana da Baixa Pombalina. O hiato pode dever-se, à aversão que o autor parece ter em relação aos declives acentuados da cidade, pois para chegar ao Chiado tem de subir... sempre por ruas íngremes (por isso vamos subir de elevador!).</i></p>	<p>Lisboa: o tocar dos sinos «monástico» e «devoto».</p> <p>A cidade oprime o sujeito: «Muram-me as construções retas, crescidas»</p>
17	<p>Mas, num recinto público e vulgar, Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras, Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras, Um épico doutro ascende, num pilar!</p>	<p><i>O Largo Camões, visto como uma praça pública de menor importância – passagem para o Bairro Alto. Mas onde se ergue a Estátua do Poeta Maior – Luís de Camões.</i></p>	<p><i>Volta-se a evocar Camões: observa-se o contraste entre a grandiosidade do épico e as «exíguas pimenteiras» da atualidade oitocentista, revisão do épico.</i></p>
18 19	<p>E eu sonho o Cólera, imagino a Febre, Nesta acumulação de corpos enfezados; Sombrios e espectrais recolhem os soldados; Inflama-se um palácio em face de um casebre.</p> <p>Partem patrulhas de cavalaria Dos arcos dos quartéis que foram já conventos: Idade Média! A pé, outras, a passos lentos, Derramam-se por toda a capital, que esfria.</p>	<p><i>Passagem provável pela rua Nova da Trindade onde se misturam as casas degradadas e da classe baixa com os palácios da classe alta em direção ao Largo do Carmo, onde coexistem as Ruínas da Igreja do Convento do Carmo, destruída no Terramoto, o edifício do Convento, quartel já no Séc. XIX, e que mantém as funções de quartel da GNR. Foi daqui que saiu sob custódia, Marcello Caetano, no dia 25 de Abril de 1974. (Revolução dos cravos).</i></p>	<p><i>O sofrimento do poeta (marca de subjetividade) ressalta novamente com a referência às doenças: «Cólera» e «Febre». A evocação da História prossegue, marcando o tom glorioso e épico do poema.</i></p>
20	<p>Triste cidade! Eu temo que me avives Uma paixão defunta! Aos lampiões distantes, Enlutam-me, alvejando, as tuas elegantes, Curvadas a sorrir às montras dos ourives.</p> <p>E mais: as costureiras, as floristas Descem dos <i>magasins</i>, causam-me sobressaltos; Custa-lhes a elevar os seus pescoços altos E muitas delas são comparsas ou coristas.</p> <p>E eu, de luneta de uma lente só, Eu acho sempre assunto a quadros revoltados: Entro na <i>brasserie</i>; às mesas de emigrados,</p>	<p><i>As estrofes seguintes, descrevem a vida do Chiado, centro da Cidade do século XIX, onde predominam as funções raras ou ocasionais, como o ourives, os <i>magasins</i>, a <i>brasserie</i> (designação francesas para os grandes armazéns de vestuário, os centros comerciais do século XIX, e os restaurantes ao estilo francês – existe na rua do Alecrim, hoje, um restaurante chamado <i>Brasserie de l’Entrecôte</i>). Estes “emigrados” podem ser os burgueses que emigraram para o Brasil e entretanto voltaram, alguns fizeram fortuna.</i></p> <p><i>Descreve tanto as funções urbanas de nível superior como as funções vulgares e até dispersas.</i></p> <p><i>Descreve ainda as pessoas que trabalham nas diversas profissões de classe baixa e média, como as pessoas de classe alta (burgueses –</i></p>	<p><i>Insiste-se no sofrimento do poeta causado por injustiças sociais: «Enlutam-me as elegantes». Evocam-se novas profissões, forma de reatualizar o espírito épico do poema.</i></p> <p><i>«A luneta de uma lente só» permite-nos ver a subjetividade do poeta, que quer «pintar» «quadros revoltados», ou críticas da sociedade em que vive.</i></p>

	Ao riso e à crua luz joga-se o dominó.	<i>“as tuas elegantes curvadas a sorrir às montras dos ourives)</i>	

		Deambulações espaço-temporais na cidade do Século XIX – A Geografia do percurso	Deambular em Português, com Cesário Verde
	III Ao gás	<i>O Gás era ainda a fonte de iluminação na maior parte da cidade.</i>	
19	<p>E saio. A noite pesa, esmaga. Nos Passeios de lajedo arrastam-se as impuras. Ó moles hospitais! Sai das embocaduras Um sopro que arripia os ombros quase nus.</p> <p>Cercam-me as lojas, tépidas. Eu penso Ver círios laterais, ver filas de capelas, Com santos e fiéis, andores, ramos, velas, Em uma catedral de um comprimento imenso.</p> <p>As burguesinhas do Catolicismo Resvalam pelo chão minado pelos canos; E lembram-me, ao chorar doente dos pianos, As freiras que os jejuns matavam de histerismo.</p> <p>Num cutileiro, de avental, ao torno, Um forjador maneja um malho, rubramente; E de uma padaria exala-se, inda quente, Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.</p>	<p><i>Depois de jantar, à luz da iluminação a Gás, Cesário continua as suas deambulações pelo Chiado, olhando as montras das lojas de moda, ao lado da função vulgar de padaria ou cutileiro – fabrico e venda de facas, tesouras (ocasional) – estas oficinas fazem aqui todo o sentido, pois esta é uma área onde se vendem tecidos a metro e oficinas de costureiras além dos restaurantes que utilizam estes objetos cortantes.</i></p> <p><i>A padaria, uma das únicas indústrias que ainda hoje permanece dentro da cidade, proximidade do consumidor.</i></p>	Referência às prostitutas, designadas como «as impuras», ideia reforçada pela apóstrofe: «ó moles hospitais».
27	<p>E eu que medito um livro que exacerbe, Quisera que o real e a análise mo dessem; Casas de confeções e modas resplandecem; Pelas vitrines olha um ratoneiro imberbe.</p> <p>Longas descidas! Não poder pintar</p>	<i>A famosa livraria do Chiado - a Bertrand (1732 – a mais antiga do mundo - função rara no Século XIX) e as casas de confeções e modas com as suas “vitrines” – montras – continua a mostrar o comércio de Luxo, mas onde espreita um dos outros problemas da cidade – o ratoneiro – o ladrão, a criminalidade. (as funções raras, no Centro da Cidade – O Chiado)</i>	<i>Lamento por não poder pintar como Camões, seu modelo, «com versos magistrais». O poeta revisita o épico. De novo se constata a importância da luz, técnica impressionista na poesia de Cesário.</i>

	Com versos magistrais, salubres e sinceros, A esguia difusão dos vossos reverberos, E a vossa palidez romântica e lunar!		
	Que grande cobra, a lúbrica pessoa, Que espartilhada escolhe uns xales com debuxo! Sua excelência atrai, magnética, entre luxo, Que ao longo dos balcões de mogno se amontoa.	<u><i>A burguesa, que pode comprar nas lojas de luxo, olhada com desdém pelo autor.</i></u>	<i>Crítica à burguesa (Cf. «Deslumbramentos»), social e de antecipação de vontade do fim da monarquia.</i>
	E aquela velha, de bandós! Por vezes, A sua traíne imita um leque antigo, aberto, Nas barras verticais, a duas tintas. Perto, Escarvam, à vitória, os seus <i>mecklemburgueses</i>	<u><i>Os transportes, individual e coletivo, são referidos várias vezes e aqui com referência a cavalos importados da Alemanha. Não esquecer que estamos na área de residência da classe alta. (Chiado e mais para Oeste a Lapa).</i></u>	<i>Repete-se o destaque e a importância da luz e da cor: «a duas tintas»</i>
	Desdobram-se tecidos estrangeiros; Plantas ornamentais secam nos mostradores; Flocos de pós-de-arroz pairam sufocadores, E em nuvens de cetins requebram-se os caixeiros.	<i>As perfumarias, os tecidos caros e os caixeiros – empregados de balcão – no comércio (classe média baixa), e também o cauteleiro, figura dominante da venda da “sorte” (função dispersa)</i>	<i>O adjetivo «sufocadores» denota o sofrimento do poeta perante o luxo de alguns.</i>
	Mas tudo cansa! Apagam-se nas frentes Os candelabros, como estrelas, pouco a pouco; Da solidão regouga um cauteleiro rouco; Tornam-se mausoléus as armações fulgentes. <<Dó da miséria!... Compaixão de mim!...>> E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso, Pede-me esmola um homenzinho idoso, Meu velho professor nas aulas de Latim!	<u><i>e o pedinte idoso – sem direito a reforma: o professor!</i></u>	<i>«Tudo cansa» - o cansaço do poeta perante a sociedade múltipla. O uso do tom coloquial (oralizante) contrasta com o professor de Latim que pode ser comparado à figura do Velho do Restelo de <i>Os Lusíadas</i>, que se insurge contra a sua época.</i>

(...)

Bibliografia:

- Buescu, Helena Carvalhão, (2014), *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Secundário*.
- Buescu, Helena Carvalhão, (2005), *Cristalizações: Fronteiras da Modernidade*. Relógio d'Água: Lisboa.
- Buescu, Helena Carvalhão, (1997), *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Caminho: Lisboa.
- Morão, Paula, (2004), *Retratos com Sombra*. Caixotim: Lisboa.
- Buescu, H. C. e Morão, Paula (org.), (2007), *Cesário Verde, Visões de Artista*. Campo das Letras: Porto.
- Pereira, José Carlos Seabra (1995), *História Crítica da Literatura Portuguesa, [do fim-de século ao modernismo]*, vol. VII, Verbo: Lisboa.

Reis, Carlos (2001), *História da Literatura Portuguesa, O Realismo e o Naturalismo*, Vol. 5. Alfa. Lisboa.

Torres, Alexandre Pinheiro, (2003), *A Paleta de Cesário Verde*. Caminho: Lisboa.

Verde, Cesário, (2001) (org. Joel Serrão), *Poesia Completa, 1855-1886*. D. Quixote: Lisboa.

Disciplinas: Geografia, História e Português

Percurso elaborado por: Helena Magro (Geografia) Paulo Santos (Português)

O percurso da deambulação – Um itinerário provável



-  Cesário Verde
-  O Sentimento dum Ocidental
- A** [1ª e 2ª est - o anoitecer](#)
Ave-Maria*
- B** [3ª est- As Ligações](#)
Batem carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!
- C** [4ª e 5ª - As funções](#)
Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emadeiradas:
- D** [5ª 6ª - O Cais e os Descobrimentos](#)
(...) Ou erro pelos cais a que se atacam botes.
- E** [7ª - O turismo e a geopolítica](#)
E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!
De um couraçado inglês vogam os escaleres;
- F** [12ª Justiça e religião](#)
No trajeto, passa pela Rua da Padaria onde nasceu,
passando por vários tipos de comércio e oficinas ligadas
- G** [14ª - A Baixa \(talvez de caleche\)](#)
A espaços, iluminam-se os andares,
E as tascas, os cafés, as tendas, os estancos

- H** [16ª - As íngremes subidas \(percurso possível\)](#)
"Afrontam-me, no resto, as íngremes subidas," (verso da
16ª estrofe)
- I** [15ª - Largo do Chiado \(duas igrejas\)](#)
Duas igrejas, num saudoso largo,
Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:
- J** [17ª - Largo Camões](#)
Mas, num recinto público e vulgar,
Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras,
- K** [18ª - rua mais direta parao Carmo](#)
E eu sonho o Cólera, imagino a Febre,
Nesta acumulação de corpos enfezados;
- L** [19ª - Quartel do Carmo](#)
Partem patrulhas de cavalaria
Dos arcos dos quartéis que foram já conventos:
- M** [20ª e seguintes](#)
Jantar e deambular provalvemente pela Rua Garret
- N** [27ª - Livraria Bertrand e Loja Paris em](#)
E eu que medito um livro que
exacerbe,